

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANÇEIRO

2.º ANNO

1 DE MAIO DE 1879

VOLUME II — N.º 33



BELLAS-ARTES — A POESIA LYRICA (Estatua de Alberto Nunes, enviada á exposição Universal de Paris em 1878)



## SUMMARIO

**TEXTOS.** — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Aguilar, D. ANTONIO DA COSTA — As nossas gravuras — Actualidades scientificas, a lua será habitada? C. FLAMARION — O Foliar do sr. Abbade, BERNARDO PINHEIRO — Os restos de Christovão Colombo, BRITO REBELLO.

**GRAVURAS.** — A Poesia lyrica, estatua de Alberto Nunes — A Serra da Estrella coberta de neve — Projecto do palacio da exposiçao internacional de 1880 em Melbourne — Pedro Maria de Aguilar — O veterano Paulo Teixeira de 105 annos de edade — Aspecto geral do cofre encontrado na cathedra da ilha de S. Domingos — Fac-simile das inscriçoes que se vem nas faces externas do cofre — Inscriptão no anverso e reverso da chapa de prata encontrada dentro do cofre — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Os destinos da arte dramatica teem nos ultimos dias preocupado os ocios da opiniao publica que toma o sol das duas horas nos bancos do Passeio ou á porta da Casa Havaneza, e obrigado a frazir a testa ao pensador que saboreia o café das vigalias quotidianas nos bancos do Martinho.

Em D. Maria II tivemos a representaçao do *Hernani*. Comprehende-se facilmente que este successo não produzisse na bolsa nem na baixa as agitações de que rezam as chronicas de 1830 em França; entretanto, apezar de na primeira recita o celebre drama de Victor Hugo despertar na platéa, — pela grandeza dos intervallos, menos sensaçao do que somno, o noticiario tem sido unanime no pezar de reconhecer que d'esta vez o genio dos actores portuguezes não esteve inteiramente á altura de tão grande responsabilidade.

E toda a gente se admira de que o Sr. Pinto de Campos não tivesse a destineçao escultural e severa de Ruy Gomes, e de que a Sr.<sup>a</sup> Virginia não ostentasse os impetos soberanos e leoninos de D. Sol, como se ser grande de Hespanha, segundo Victor Hugo, fosse uma coisa tão simples como sel-o segundo o Sr. Canovas del Castillo.

Não, meus caros senhores, não é possível; e apraz-me n'este trance augustoso defender o theatro nacional, sustentando que elle nos forneceu o *Hernani* de que é susceptivel no momento historico actual, pois que a noção épica d'aquelles personagens pode tel-a um ou outro que saiba cor, de desde a musica gloriosa dos versos que o poeta fundiu em lava, até á cor do collete que Theophilo Gauthier trajava na noite da memoravel batalha do romantismo; todavia o theatro normal, no ponto de vista mercantil em que os seus interesses o collocam, não tem obrigaçao absolutamente nenhuma d'isso, e já faz a sua obrigaçao e satisfaz d'uma forma cabal ao programma e ás condicções do seu contracto, dando-nos um Silva que não desmereça completamente das variadas especies de Srs. Silvas que abundam na galeria nacional, a começar no Sr. Carlos Bento e a acabar no Sr. Francisco Costa.

O *Hernani* no theatro de D. Maria II foi o que em boa razão deviamos exigir que elle fosse. O nosso theatro não tem grandes tradições; nem cá ha muzeus, nem arte, nem Victor Hugo, nem espirito de cavallaria, a não ser a do exercito, de maneira que um actor, embora muito intelligente, tractando-se, por exemplo, do genero cavalleiro — do *Tosão d'oiro*, o mais que pode fazer é estudal-o na pessoa do que temos mais á mão, — o Sr. Presidente do Conselho; e diga-se em abono da verdade que Pinto de Campos não mostrou menos nobreza e menos distincção do que o honrado Sr. ministro, com a unica differença de um ser vestido por Keil e outro por Cohen.

É simplesmente por cá não haver nem o Louvre nem o Luxembourg que nós não podemos exigir que os discipulos da nossa acade-

mia pintem hoje como Bonnat ou como Jules Breton. Ora da mesma forma seria exigir o impossivel querer que o conservatorio nos fornecesse Coquelin ou Sarah Bernhardt a razão de quinze libras mensaes. Para comprehender e representar os personagens de Sardou e Dumas basta frequentar a Aline, para dar vida aos de Victor Hugo é preciso frequentar, de quando em quando, o Olympo, estabelecimento que não se encontra ainda no arruamento do Chiado.

É pois d'uma phantasia generosa mas arrebatada, em desacordo com a sensatez que se deve ter em face da rua dos Fanqueiros, que intentamos dar como passatempo aos ocios das familias a obra de Victor Hugo, traduzida com tanto talento por Pinheiro Chagas. Tudo aquillo por melhor que se diga e se faça, terá sempre de fluctuar no vago e de ficar incomprehendido no meio d'uma sociedade aonde um homem que tem por appellido Gomes da Silva o maior acto de heroismo a que se pode abalançar é ir votar de graça pelo seu amigo ou subscrever com duzentos réis mensaes para o guarda nocturno da sua rua.

— Com relação a theatro agita-se ainda uma questão importante: se deve ou não dar-se um subsidio ao de D. Maria II. No parlamento chegou-se já a fallar d'este cazo com as devidas reservas, observando um dos oradores, possuido de receio pela gravidade e compostura d'aquelle sanctuario constitucional, que não se ruborizasse a camara por ouvir discutir um assumpto tão pueril e tão futil, no momento em que a resolução d'outros problemas fazia vergar sobre o oleado das instituicões a fronte pensativa aonde o legislador portuguez sente agitar-se o philloxera.

Com effeito, o que diria Mortagua e a propria Cabeceira de Basto, se por ventura lhe constasse que o pensamento do seu representante havia maculado as candidas azas, seguindo o vôo do Sr. Theodorico em vez de seguir as inspirações do respectivo circulo, dando assim por um instante culto a Thalia em vez de o dar ao Sr. ministro das obras publicas, olvidando ainda que momentaneamente, que um lance dramatico é nada comparado com um lance de estrada?

Esta questão do subsidio está julgada ha muito tempo, se não pelo parlamento ao menos por todos aquelles que se dão no arduo trabalho, não de legislar mas de pensar.

Em regra a arte não se cria por subvenção, mas o estado e os estadistas podem ser banaes ignorantes e vulgares á sua vontade, que é essa até uma das regalias que lhe confere a carta: agora do que elles teem obrigaçao é de ser logicos — pelo menos.

Ora entre nós subsidia-se a arte lyrica italiana, — uma arte muribunda que nunca fez, nem hade aqui fazer escola, e deixa-se ao abandono a arte dramatica portugueza que já tem produzido aptidões raras. Quer-me parecer que a este respeito o criterio d'um ministro de Marrocos ou de Tunis é muito mais justo do que o de todos os ministros portuguezes que nos ultimos tempos se teem succedido no poder.

Não é um elogio gratuito que eu faço aos estadistas de Marrocos ou Tunis, é simplesmente justiça.

E das magras finanças portuguezas desviam-se todos os annos vinte ou trinta contos de réis, simplesmente para que o alto commercio e a burocracia obtenham as suas assignaturas por metade do preço, e o *salero* importado das Hespanhas possa sorrir á bemaventurança da superior a mil réis por *fauteuil*, desculpando-se todo este luxo de *pose* com a necessidade que temos de divertir o corpo diplomatico e os estrangeiros illustres que chegam a Lisboa sequeiosos de brisa do Tejo e de Traviata.

Como se a qualquer estrangeiro, depois de uma vista d'olhos, sendo intelligente, não assistisse plena obrigaçao de nos chamar, em primeiro logar boas pessoas — e em segundo, tolos!

Dito isto, conceda ou não o governo o subsidio á empresa, não serei eu que promova na minha freguezia qualquer abaixo assignado em

favor da pertença que Thalia tem nas côrtes.

— Nos ultimos quinze dias tem andado no ar um certo prurido d'arte. Os concertos classicos de Barbieri chegaram a dar tanta celebridade a Mendelsson, que a propria phylharmonica nacional vem a publico penitenciar-se de haver, por occasião do ultimo concerto na Trindade, cortado, ao passar na rua, com as rajadas sinceras dos seus trombones independentes, o melancolico andante da 4.<sup>a</sup> symphonia do celebrado compositor.

A arte profana junta-se á arte relegiosa. O sopra fanhoso dos *Te-Deums*, como elles são de ordinario cantados na Cidade, agita-se sobre as nossas cabeças noite e dia. O paiz anda todo de capa encarnada: quer-se celebrar um acontecimento faustozoz, e o cerebro da rua Augusta tem uma idea arrojada: — haverá uma grande procissao!

— *Margarida* é um romance que saiu ha pouco dos prelos portuguezes firmado pelo nome do sr. Julio Lourenço Pinto. Veio com as rosas d'abril, mas filia-se evidentemente na escola naturalista, revelando um vigoroso talento de colorista e de observador. Este livro pertencerá, já agora, á ordem d'aquelles que teem de ser lidos, coisa que o destino não quer que succeda a todos. O auctor da *Margarida* era já conhecido no mundo do folhetim aonde cultivava as tradições de Feuillet; esta deserção para as fileiras de Flaubert, indica pelo menos, certo arrojo d'animo que assignala um caracter. De Flaubert aos abysmos do Zolismo vae apenas um passo.

Como as largas apreciações não cabem nos estreitos limites da chronica, fica este caso litterario guardado para outro logar.

— O *Cancioneiro Alegre* por Camillo Castello Branco, e a *Musa em Férias* por Guerra Junqueiro, são ainda dois novos livros que n'este momento se apregoam. O primeiro encerra paginas d'uma aggressão deliciosa, cheias de conceitos pittorescos e inesperados como as sabe escrever uma das organizações litterarias mais poderosas e mais individuaes das letras portuguezas; o segundo encerra versos como na verdade se não tinham ainda escripto em Portugal nos tempos modernos, e como raros se escrevem hoje, não na *peninsula*, mas na Europa.

E' exactamente contra esta affirmaçao que o *Cancioneiro Alegre* se ha de revoltar: todavia a posteridade que é um supremo tribunal, muito mais recto que o da Justiça, absolverá Camillo Castello Branco por ter escripto este livro em parte injusto, embora divertido, pela circumstancia attenuante de ter escripto umas dezenas d'elles manifestamente deliciosos e verdadeiros. E a *Musa em Férias* ficará como um formoso livro de todos os tempos e o *Cancioneiro Alegre* como o epigramma ligeiro d'um dia.

GUILHERME D'AZEVEDO.

AGUILAR

I

Ha poucos annos, pedia a palavra n'uma das conferencias do lyceu de Lisboa o professor de moral religiosa da Escola Normal. Expoz doutrinas elevadas, deu conselhos salutarres, e o auditorio ficou encantado d'aquella suavidade de unção, que penetrava nos corações e fazia amar o bem. N'esse dia o conheci pela primeira vez. Era sobre o alto, encorpado, olhar de aguia na penetração, e todo um sorriso aos sorrisos dos pequeninos. Sombrío quando a indignação fulminava as incurias que deixam na barbaridade um povo, para logo se lhe infantilizava o rosto quando a phantasia lhe figurava em retirada aquella barbaridade, e lhe entremostrava a aurora, cuja doce claridade rompia sobre os espiritos ignorantes da geração que elle amava. Escravizava o auditorio, porque o influenciava com os dois grandes poderes, o da razão conven-



cendo, e o do amor dulcificando. Era a expressão do homem distincto: um alto entendimento, perfumado de poesia.

Estava na força da idade e na amplitude das faculdade intellectuaes. Nasceu em 1828, tomara ordens sacras, coroara-o a fama como pregador, e nas duas epidemias do cholera e da febre amarella prestara taes serviços a risco de sua vida, que, superior á condecoração official recebida, a justiça popular lhe outorgou o premio maximo, a distincção suprema que inflora as consciencias rectas.

Ora as consciencias rectas luctam muitas vezes com a pobreza, se não sempre. Luctou com a pobreza aquelle homem. Deu-lhe a mão um espirito dos mais cultos, o Sr. Luiz Filipe Leite, propondo-o para capellão e professor religioso da Escola Normal, onde prestou os serviços mais relevantes á causa do ensino educativo. Auxiliando-lhe a pratica do professorado as grandes ideas, multiplicou as experiencias, e, levado ainda pela compaixão para com os entes mais infelizes, lançou os fundamentos para a instrucção especial dos surdos-mudos: no começo, mundo entresenhado na sua imaginação phantastica; depois, mundo descoberto e conquistado pelos esforços da sua intelligencia e pela ferrea vontade do seu animo resolutivo. No lyceu abriu um curso gratuito para aquelles pobres desgraçados. O exito feliz principiou a coroar os trabalhos aquelle espirito amavel. Lendo, estudando, comparando, escreveu então os seus methodos, originaes, que successivamente aperfeçoou, monumento admiravel que deixou á sua patria.

## II

Decorreram alguns annos, e este homem, esta gloria d'entre as maiores glorias de Portugal, estava morrendo á fome. Tinha sido abolida a Escola Normal, e elle despedido, sem lhe aproveitarem a extraordinaria valia para o ensino publico.

« Aquelle homem, escreviamos n'um livro, era em Portugal um dos raros que possuíam a verdadeira sciencia do ensino infantil. Amava a regeneração da escola pelo amor. Dera na Escola Normal as provas mais cabaes de um espirito de observação admiravel, de um immenso adivinhar a intelligencia das creanças e o labyrintho dos segredos d'ellas. Fanatisava-o o desbravar espiritos incultos pelo emprego dos methodos intuitivos. Verdadeiro discipulo de Jesus, tinha gravado na alma o preceito do seu mestre: « Ensinas e ignorantes pelo affecto e pela graça. » Havia-se applicado principalmente ao invento de melhoramentos novos para o ensino dos surdos-mudos. A sua alma nutria a grande ambição de arrancar do abysmo as creanças condemnadas aquella infelicidade, e o seu trabalho bradava-lhe á consciencia: « Hei de realisar o intento. » — Grande homem e grande idéa. »

Isto disse, e então relatei miudamente o que era o collegio dos surdos-mudos de Guimarães que o padre Aguilar abria: um assombro de ensinar, de aprender, um assombro para os viajantes, que o visitavam. Mas a despeza era grande, e os miseros que a caridade do padre Aguilar ali abrigava e ensinava gratuitamente, em vez de auxilio, produziam peso. O que o bemfazejo espirito não tinha era coração para os despedir.

Então a camara municipal de Guimarães representava ás côrtes pedindo um subsidio para aquelle instituto; o sr. Vasco Leão deputado do circulo apresentava um projecto de lei, para o mesmo fim; o sr. Pires de Lima orava eloquentemente a favor d'este importantissimo assumpto; o commissario dos estudos respondendo ás ordens superiores, declarava « achar-se como que assombrado pelos exercicios que presenciara no instituto dos surdos-mudos, parecendo-lhe milagres os resultados que vira ali praticar », e, coroando de elogios a abnegação, a perspicacia, e a bondade de Aguilar, para chegar aquelles resultados, concluia assim a sua exposição ao ministro: « Concluo ponde-

rando a v. ex.<sup>a</sup> que muito nobre seria pelo nosso governo o acto que protegesse seriamente, e fizesse continuar e florescer entre nós, dirigida assim por um benemerito portuguez, a importantissima arte, que, primeiro do que ninguem, introduziu em França um outro portuguez, ao qual Luiz xv honrou com uma pensão annual. »

Era a verdade do Instituto — Aguilar, salvador dos infelizes, a fallar por todas as bocas, e a resplandecer á vista de todos os olhos.

Descobriu-se então que pôde haver surdos-mudos superiores aos proprios surdos-mudos. O silencio dos poderes publicos pairou sobre o collegio de Guimarães.

A unica instituição d'esta especialidade em Portugal, existente graças á heroica devoção e aos sacrificios quasi sobre-humanos de Aguilar, appareceu em seguida coberta de crepe; mão tremula abriu a porta, e viram-se sair, chorando, umas pobres creanças que queriam ouvir e não ouviam, que queriam fallar e não fallavam, já não analphabetas, ainda não acabadas de ensinar; deram-se no portal o abraço commum da desgraça, e d'ali debandaram cada uma para o seu pobre lar, depois de acenarem o ultimo adeus de amor e gratidão ao vulto que do solitario limiar as contemplava, mas sem lagrimas, por que já as não tinha aquelle coração, obrigado a lançar aos quatro ventos da terra, os filhos do seu trabalho educador, por de todo lhe faltarem os recursos para ali os conservar a elles e se conservar a si. Estava fechado o collegio popular dos surdos-mudos de Guimarães!

## III

O espirito heroico ainda luctou pela idéa redemptora que inscrevera no seu labaro, idéa que lhe foi vida, idéa que lhe havia de ser morte.

O desamparado apostolo lançou então os olhos em redor, e fitou-os n'uma terra que nunca mentira na iniciativa dos pensamentos elevados. Aguilar lançou mão do seu bordão de peregrino, e encaminhou-se, mendigo do ensino aos infelizes, para a cidade que lhe acenava com a esperança. Não o illudiu a sua fé.

A' mão que se estendia, não para pedir uma esmola para si, mas para sollicitar um auxilio que redimisse os desherdados de dois sentidos, a camara municipal do Porto concedia nobremente um subsidio para a renda da casa onde o padre Aguilar podesse estabelecer n'aquella cidade um collegio para o ensino dos surdos-mudos. Em 20 de maio de 1877 Aguilar apresentava ás provas publicas alguns dos seus alumnos.

Auctoridades, institutos, o magisterio, a imprensa assistiam á sessão pratica realisada pelos surdos-mudos. Precedia-a a fama do professor, dos exercicios já vistos em Guimarães, e contudo ainda excedeu a expectativa.

No seguinte dia, toda a imprensa do Porto, a uma voz, narrava largamente o grande successo.

« É deveras um successo extraordinario o que registamos (escrevia um dos jornaes que temos á vista, e temol-os todos); por muito que as busquemos, mal se nos ageitam as palavras para darmos aos nossos leitores uma idéa, ainda que desbotada das agradabilissimas impressões que nos agitaram o espirito ao assistir no domingo aos exercicios de alguns dos alumnos, da escola do padre Aguilar. »

« Mudos de espanto e alegremente commovidos até ás lagrimas eramos todos os que ali presenciavamos o como é poderosamente creadora e grande a benemerita dedicação de quem assim se proposera, á custa de inapreciavel trabalho e paciencia, a rasgar as sombras da ignorancia de sobre o espirito d'esses infelizes, que, privados do apreciavel dom da falla, pareciam condemnados pela natureza a que jámais raifasse o sol da instrucção n'aquellas almas. Metteu um dia hombros ao louvavel commettimento um benemerito sacerdote, o padre Aguilar... fez se hontem a primeira prova do aproveitamento dos alumnos. Maravillhou a todos. Uma

verdadeira surpresa, ainda para os mais exigentes, um successo digno de registrar-se, um invejavel triumpho, pelo qual d'aqui sinceramente comprimentamos o reverendo director da escola... E ainda continua, e como este os jornaes todos, e de todas as côres politicas. Uma unanimidade de entusiasmo e de louvores.

E se esse dia foi brilhante para o pedagogista insigne, para os fastos da liberdade não o foi menos. A cidade do Porto como que ouviu dos restos venerandos das suas trincheiras invictas sair um echo, o echo da liberdade, e da terra dos seus arrabaldes que encerrava as cinzas de tantos heroes como que uma voz, a voz da gratidão. É que á unanimidade dos que em 1833 offerciam os peitos á defeza da constituição, responde n'este dia de 1877, a unanimidade dos que á consagração de um instituto civilizador dedicavam as suas pennas. Divergente hontem, divergente amanhã, é hoje uma só, a imprensa periodica da cidade eterna no brado que da consciencia lhe arranca a verdade. Unifica-se por vinte e quatro horas a côr das bandeiras diferentes, desaparece dos rostos a severidade natural nos que pelejam, não se trocam doestos, e a luz serena do bem alumia o pensamento commum dos realisadores da instituição, que exactamente para produzir o bem é que ali fôra conquistada por entre os horrores dos tres flagellos humanos. Dia glorioso para a imprensa do Porto, dia ainda mais glorioso para a liberdade, quando ella prova com os factos a verdade da sua valia e a razão da sua existencia.

## IV

Era porem já tudo inutil. Aguilar tinha edificio para a escola, tinha surdos-mudos pobres para aprenderem gratuitamente, mas só com o decorrer do tempo é que lhe viriam os abastados. Onze annos de lucta para viver, alem da que a precedera, esgotara-lhe as forças e despedaçava-lhe a vida.

Em setembro ultimo, passando no Porto, logo o procurei. Quando me appareceu e estendeu a mão, mal o conheci. Era o athleta moribundo. Podia viver oitenta annos com aquella organização de ferro; ia morrer aos cincoenta e um incompletos! Mas o moribundo sorriu-se ainda á vida por momentos, e por momentos me pareceu ainda ver o verdadeiro Aguilar, quando me narrou as novas descobertas, os processos recentes que o seu estudo constante havia accrescentado aos mais antigos no ensino dos surdos-mudos. Ainda por instantes lhe vi levantar o corpo, levar as mãos á testa, e reaccenderem-se-lhe os olhos, como nos seus melhores dias de esperança. Era apenas o relampago da felicidade. Abraçámo'-nos, e despedi-me. Quando eu ia principiar a descer a escada, ainda se adeantou, e disse-me com tristeza: « Dê-me cá outro abraço. »

Luctou mais seis mezes. No dia 31 de março, o telegrapho annunciava a Lisboa a morte do grande pedagogista.

Assim desapareceu do mundo este corajoso pelejador do bem, perseverante, virtuoso, de vistas largas, de coração todo amor, que morreu protestando com o seu instituto em nome da unica nação onde o ensino dos surdos-mudos não existe; assim morreu este martyr da civilização, digâmos a palavra, assassinado pelos que permaneceram estatuas ás vozes unanimes da opinião publica, deante da infelicidade de uma classe de cidadãos portuguezes, deante de descobrimentos novos para a sciencia pedagogica, deante de um heroe da instrucção, que deixaram morrer á fome, e traspasado de desgostos.

No decorrer d'estes factos, era condecorado com a commenda portugueza da Ordem de Christo o sr. Haerne, director do instituto de surdos-mudos da Belgica.

Desappareceu o corpo de Aguilar; o que não morreu, nem morrerá nunca, é a memoria de um d'entre os maiores espiritos que tem honrado Portugal.

D. ANTONIO DA COSTA.





A SERRA DA ESTRELLA COBERTA DE NEVE (Segundo uma photographia da collecção de Carlos Relvas, premiada na exposição de Paris em 1875)





AUSTRALIA — PROJECTO DO PALACIO DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1880, EM MELBOURNE

## AS NOSSAS GRAVURAS

## A POESIA LYRICA

(Estatua d'Alberto Nunes)

Póde-se discutir a concepção um tanto sentimental do distincto escultor, porém a execução da graciosa estatua do sr. Alberto Nunes ninguem negará que seja primorosa.

Esta obra d'arte foi uma das que figurou na nossa secção de bellas artes na exposição de Paris. A estatua é bastante harmoniosa de linhas, a attitudo da figura é bem entendida, porque pouca com extremo equilibrio e firmeza, sem prejuizo do aspecto ligeiro e ideal que o artista lhe quiz dar; o movimento das roupas é bem tratado e ajuda a intenção; a modulação das carnes é observada com extrema consciencia; todavia as mãos, de molde um tanto vulgar, destoam do estylo elegante da figura.

O sr. Alberto Nunes, denota, n'este trabalho, grandes qualidades d'execução e merece ficar assignalada a sua obra, na pequena galeria da nossa arte contemporanea, como uma das modernas produções mais graciosas e mais bem acabadas.

## A SERRA DA ESTRELLA

A gravura que hoje damos na nossa quarta pagina é reprodução d'uma das magnificas photographias com que ha tempo brindou o OCCIDENTE, o sr. Carlos Relvas, o distincto amator photographo, tão festejado pelos seus trabalhos nos ultimos certamens industriaes e artisticos da Europa.

Da serra da Estrella já o OCCIDENTE



PEDRO MARIA DE AGUILAR — Fallecido em 30 de março de 1879  
(Segundo uma photographia de Cardoso)

dera uma gravura no seu numero do 1.º de abril de 1878, igualmente feita sobre uma photographia do mesmo estudioso amator. A de hoje representa da mesma fórma uma vista da serra coberta de gelo, mas sob outro aspecto, e d'um ponto diverso de tão pittoresca região. É ocioso insistir no sentimento da natureza e na verdade que ha nos agrestes e asperos contornos d'aquellas montanhas quando o leitor a póde apreciar com os seus proprios olhos.

## PALACIO DA FUTURA EXPOSIÇÃO DE MELBOURNE

Na capital de Victoria (Melbourne), uma das mais importantes da Australia, deve verificar-se em 1880 uma exposição universal. A nossa gravura reproduz o projecto já aprovado do edificio da exposição, devido aos architectos Reed e Barnes, e apresentado ao parlamento de Victoria.

É elegantissimo o aspecto da nova construção e digno da grande festa do trabalho que se annuncia. O nosso seculo ficará assignalado por estas grandes festas da paz, que principiam a impôr-se ao espirito humano por entre os ruidos da guerra, esse monstro que a mão de ferro da civilização ainda não conseguiu domar.

É assombroso o impeto de vida com que florescem algumas d'aquellas regiões ainda ha tão pouco descobertas pelos navegadores europeos. Os Estados Unidos contam um seculo de existencia, mas a colonia de Victoria data apenas de 1851! É a mais pequena mas a mais importante das cinco colonias em que a Australia se divide, contando apenas uma população de 810 000 habitantes; enriquecida por muitos ramos d'industria,



mas especialmente pelas minas d'ouro, as mais famozas do mundo.

Por milagre d'este Deus o Oiro não é d'admirar que surjam como por encanto os esplendidos palacios como o que a nossa gravura representa.

Melbourne acaba de convidar o velho mundo para um novo certamen do trabalho e da paz. Que elle acceite o convite, porque do abraço de duas civilizações nunca póde deixar de provir um beneficio para os povos. Esta cidade que em 1837 contava apenas uma duzia de casas e que hoje conta 180.000 habitantes, é digna de ser honrada pela visita de todos os trabalhadores do mundo.

#### PAULO TEIXEIRA

Sentido! Respeitemos o que a natureza tem respeitado! Vede-lhe o rosto secco e encovado; a fronte fundamente sulcada, os olhos brilhando vivos, como se o fogo da mocidade os animasse; o bigode branco, mas ainda farto e espesso, as suissas enquadrando-lhe o rosto, e o cabelo argentado, adornando-lhe descuidosamente a cabeça. Vede aquellas mãos descarnadas, e onde, sob uma pelle crestada pelo tempo e pelo ardor dos combates, pulsam umas veias salientes, e se movem uns nervos duros como o aço; tudo vos está denunciando uma natureza vigorosa: são 105 annos que alli estão; é o veterano Paulo Teixeira!

Nasceu em 1774, — tres annos antes da morte d'el-rei D. José! — em Santa Cruz do Douro. Orphão de pae aos cinco annos, e de mãe aos sete, foi acabado de crear por sua avó paterna, que morreu de 107 annos de idade. Aos oito foi Paulo para Resende, onde aprendeu o officio de carpinteiro que exerceu até assentar praça.

Tendo os governadores do reino pela sua proclamação de 13 de fevreiro de 1812 recommendado a todos os varões que podessem pegar em armas, o exercitar-se n'ellas; e tendo o nosso exercito avançado, levando os francezes adiante de si, deu Lord Wellington ordem aos capitães-móres das provincias do norte para fazerem um recrutamento geral de todos os individuos validos de 16 a 60 annos de idade Isto produziu em poucos dias um reforço de 9.000 homens. N'esta occasião (1812) assentou praça o nosso veterano em caçadores n.º 3, pertencendo porém já antes d'isso, a um corpo que havia organizado desde 1810 o capitão-mór de Resende, para estar prompto ao primeiro evento, e que varios serviços tinha já prestado. — Estes recrutas, apenas encorporados, marcharam com o exercito entrando logo em campanha.

Continuando o seu serviço passou algum tempo depois Paulo Teixeira para a guarda real da policia de Lisboa. N'este corpo serviu durante todas as vicissitudes porque passou o paiz de então até 1833, em que desde as acções do Campo Grande e Loíres, seguindo sempre o seu regimento, acabou a sua carreira militar em Evora-Monte, por effeito da convenção alli celebrada a 27 de maio de 1834.

Tinha então Paulo Teixeira 59 annos. Não se apavorou com a miseria que via deante de si. Veio para Lisboa. Como já estava desfeito da carpinteria, fez-se trabalhador e deu serventia a pedreiro. Debalde antiqúos camaradas e amigos o instavam para ir engrossar as fileiras do Remexido ou de D. Carlos em Hespanha, o velho soldado tinha jurado defender uma bandeira, e em quanto essa tremolou ao pé d'elle cumpriu o seu dever; outra não conhecia.

Aos 70 annos foi servir de criado de mesa. Seu patrão dizia varias vezes a sua senhora se o queria em casa para lhe fazer o enterro, Paulo deixou aquelle serviço aos 90 annos, e diz com sentimento que aquelle que receava fazer-lhe o enterro morreu ha tres annos, e a senhora, finou-se ha um anno! Mysterios da Providencia. Foi durante este periodo que se casou com Maria José Teixeira, com quem ainda vive, que conta hoje 84 annos, e de quem lhe nasceu um filho, que tem 39 annos, e é já veterano da Armada Real, e uma que tem 37 annos.

Vem estes dois bons velhos muito bem um com o outro, apesar da escassez de meios.

Paulo Teixeira não sabe lêr. Vê ainda bem, pois enfia uma agulha e faz a barba a si. Ouve bem; come regularmente, só os legumes lhe causam algum peso no estomago; bebe ainda seus tres decilitros sem lhe fazer mal, mas isso só quando póde ser. Conserva soffivel memoria, e ainda sahe todos os dias a vender caustellas, para arranjar os meios de subsistencia, visto que os 125 réis, pret de veterano, apenas chegam, como elle diz, para uma assorda, e não ha de ser muito temperada, dizemos nós.

É quebrado de ambos os lados desde 1818. Em 1833 foi atacado, em Santarem, pelo cholera, jazendo treze dias no deposito sem dar accordo de si, tido por morto. — Em 1857, quando a epidemia da febre amarella invadiu Lisboa, foi toda a sua familia atacada do flagello, e elle, sua mulher, e seus dois filhos foram tratados no hospital do Desterro resistindo á doença.

Paulo Teixeira teve sempre exemplar comportamento, e tem a medalha de D. João vi de 1823. Tambem

não fuma. Verdade é que em 1810, ao entrar no serviço militar começou a fumar, mas, homem de rija tempera, por um capricho atirou fóra cigarro, fuzil e isca em 1820, e não lhe tocou mais.

O que acabamos de dizer é resultado dos apontamentos que d'elle podémos tomar.

Nós desejamos ao bom veterano, cujo braço esquerdo será d'aqui a tres annos ornado com mais uma setima lista, correspondente a setenta annos de serviço, sempre a mesma disposição até ao ultimo instante, e se algum lhe quizer apertar a mão, póde fazel-o em Lisboa na rua da Atalaya n.º 151 1.º andar, onde actualmente reside.

B.

## ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

### A LUA SERÁ HABITADA?

(Continuação)

Longe pois de podermos afirmar que o globo lunar é desprovido de vida vegetal, temos factos d'observação que são difficéis, para não dizer impossíveis de explicar, se admittimos um solo puramente mineral, e que ao contrario se explicam facilmente admittindo uma camada vegetal de qualquer fórma que seja. É para lamentar que não se possa analisar do nosso globo a composição chimica dos terrenos lunares, como se analisa a dos vapores que envolvem o sol e as estrellas; entretanto não devemos desesperar de o conseguir, pois que antes da invenção da analyse espectral nunca se teria imaginado a possibilidade de chegar a tão maravilhosos resultados. Como quer que seja, ha todo o fundamento para admittir no momento actual que o globo lunar foi outr'ora sede de movimentos geologicos formidaveis dos quaes todos os vestigios são vesiveis sobre um solo revolucionado, e que estes movimentos geologicos não se acham ainda extinctos, que estes mares estiveram cobertos d'agua e que esta agua provavelmente não desapareceu ainda; que a sua atmosphera parece reduzida á ultima expressão mas não se acha absolutamente extincta, e que a vida que desde os seculos dos seculos devia radiar na sua superficie não se apagou talvez de todo. É chegado o momento d'observar com minuciosidade tudo o que se passa n'este mundo visinho, tão interessante a todos os respeitos.

Os seres e as coisas lunares differem inevitavelmente dos seres e das coisas terrestres. O globo lunar é 49 vezes mais pequeno do que o nosso e 81 vezes menos pesado. Um metro cubico da lua não pesa senão seis decimos d'um metro cubico da terra. O peso dos corpos á superficie d'aquelle globo é seis vezes menor do que á superficie do nosso: um kilogramma transportado para lá e pesado n'uma balança lunar não pesaria mais do que 164 grammas. Os climas e as estações differem essencialmente das nossas. O anno dura na lua 346 dias terrestres, mas não é composto senão de 12 dias e de 12 noites lunares, durando cada uma 354 horas, sendo o dia o maximo da temperatura e ao mesmo tempo uma estação — o estio, a noite o minimo d'essa temperatura e ao mesmo tempo o inverno, com uma differença thermometrica de muitas centenas de graus centigrados talvez. Eis aqui mais divergencias do que as que bastariam para constituir na lua uma ordem de vida absolutamente distincta da nossa.

Poderia acontecer que nós tivéssemos ao alcance da vista, florestas, culturas, plantações, estradas, aldeias, cidades populosas, e, se a visão telescopia se tornasse sufficientemente nitida, edificios e habitações mesmo, sem que nos podesse assaltar a idéa de vêr n'estes objectos obras devidas á mão dos Selenitas — se porventura elles teem mãos.

Aquelles que se apoiam na differença real e absoluta que existe entre a lua e a terra para negar a possibilidade de toda a especie de vida lunar; que, por exemplo, affirmam doctoralmente que a lua é inhabitavel visto a sua atmosphera ser muito rarefeita, fazem não um raciocinio de philosopho, mas sim um raciocinio de peixe. Todo o peixe que raciocina (permitta-se a hyperbole) está naturalmente convencido de que a agua é o elemento exclusivo da vida, e que fóra d'ella não ha ser vivente. Por outro lado um habitante da lua pereceria afogado com certeza se mergulhasse na nossa atmosphera tão pesada e tão espessa. Affirmar que a lua é um astro morto pelo facto d'ella se não assemelhar á terra, seria proprio d'um espirito acanhado, imaginando saber tudo e pretendendo que a sciencia tenha dito já a sua ultima palavra.

A vida lunar não foi certamente formada segundo o plano da vida terrestre, pois que os liquidos, os gases, a densidade, o peso, a temperatura, são na lua diversos do que são na terra. Tudo o que nós podemos affirmar sobre a questão tão debatida ha tanto tempo, dos habitantes da lua, é que o nosso satellite não póde ser habitado por seres organizados sobre o typo dos seres terrestres. Se é habitado, é por seres absolutamente differentes, tanto pelo que respeita ao organismo como aos séntidos, e certamente mais differentes de nós

pela origem, do que os habitantes de Venus e os de Marte.

É curioso de suppôr, que, não obstante a lua ser muito mais pequena do que a terra, os seus habitantes, se por ventura os possui, devem ser d'uma estatura mais elevada do que a nossa, e os seus edificios, egualmente de dimensões maiores do que os construidos pelo homem. Os seres da nossa estatura e da nossa força transportados para a lua pesariam seis vezes menos, sendo todavia seis vezes mais fortes do que nós; seriam dotados d'uma ligeireza e d'uma agilidade prodigiosa, supportariam dez vezes o seu peso e seriam capazes de mover massas que na terra pesassem 1.000 kilogrammas.

Se por acaso a lua fosse cercada d'uma atmosphera mais densa, os Selenitas voariam como aves; mas é todavia certo que a sua atmosphera é insufficiente para este facto organico. De mais, não sómente seria possível a uma raça de Selenitas igual ás raças terrestres em força muscular, construir monumentos muito mais elevados do que os nossos, mas ser-lhe-ia ainda necessario dar a estas construeções porporções gigantescas, assentando-as sobre consideraveis bases macias-as, a fim d'assegurar a sua duração e a sua solidez.

Os habitantes da lua são d'origem mais antiga do que nós, pois que a lua, não obstante ser filha da terra, é relativamente mais velha do que ella. Os movimentos geologicos, physicos, chymicos, que a teem agitado tão rudemente, foram sem duvida conhecidos no nosso mundo, contemporaneo da genese primordial dos seus organismos vivos; mas nenhuma observação prova que esta vida tenha desaparecido de qualquer fórma.

(Continúa.)

CAMILLO FLAMARION.

## O FOLAR DO SR. ABBADE

D. CAROLINA CORONADO

Eram cinco horas da manhã e já o bom do abbade, um velho, gritava da janella da residencia á criada que o servia:

— Joanna, ó! Joanna enxota-me as gallinhas do campo; ficamos sem feijão para o inverno.

— Estas gallinhas são a minha perdição, tambem não sei porque m'as não deixa levar á feira. Via-me livre d'ellas por uma vez.

— Não sabes, não sabes, sei eu; olha leva logo uma á Joaquina da Cancellia, coitada tem a rapariga doente.

— Ora sr. abbade, com perdão, mas hoje domingo de Paschoa quando todos os freguezes tem de lhe dar o folar é que o sr. abbade quer... ai! está tudo mudado, tudo de pernas para o ar — resmungava a creatura com as mãos cruzadas sobre a barriga por debaixo do avental de serguilha e olhando para a estreita janella — foste-te embora? pois deixa estar hei de levar a mais magra, a pinta, a que tem gogo.

Joanna não podia levar á paciencia a vida de abnegação do pobre e bondoso abbade. Recordava-se com saudade dos seus tres antecessores, principalmente do primeiro, que passavam uma vidinha regalada. Quando ia á venda com a roca esquecida na cinta, encher d'azeite a almotolia de lata, dizia sempre depois das sacramentaes palavras — Ora louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo: Tio Zé, tio Zé como aquillo não ha! cuidei que não havia, pois olhe tenho visto muito, que eu quando cá vieram os francezes tinha os meus dezoito bem puchados. E era então um nunca acabar de historias facetas que a velha gaiteira acompanhava com casquinadas de riso, abrindo desmesuradamente a larga bocca desdentada.

Tinha rasão. O abbade era... era santo, porque não? D'uma austeridade simples, comprehendia os sagrados deveres do seu ministerio, a sua religião era feita d'amor e de carinho, tinha para todas as desgraças palavras de consolação e conforto. Caridoso, fazia o bem que podia que era muito; depois a sua figura era sympathica, atrahente; os pequenos não fugiam d'elle com medo, pelo contrario procuravam-o com prazer, iam risonhos para a aula, para as praticas do cathecismo. E todavia ao principio os letrados d'aldeia, o regedor, os da junta de parochia, as beatas que então havia, ralhavam porque as praticas dos



domingos, á missa do dia, não tinham latim e não fallavam do inferno.

Á medida que o foram conhecendo foram-o estimando e amando. Hoje quando passa, com a sua batina comprida, um chapéu braguez d'abas largas, apoiado á bengala abacial uma solida bengala de cana da India, ferrada, encimada por um toco castão d'osso, os que trabalham no campo saudam-o com respeito.

Sobre a sua cabeça encanecida brilham como um resplendor as benções de todos.

No Minho não ha nada mais alegre que o aspecto exterior d'uma pequena igreja d'aldeia; pintadas de branco, batendo-lhes em cheio o transparente sol, riem-se para nós. A propria cruz do adro, coberta de musgo e de hera, parece querer abraçar-nos com os seus braços viçosos. E então quando o sino repica sentimos a alma a rir, a rir ás gargalhadas!

Era um dia creador, um dia esplendido da primavera. Repicava o sino e pela larga porta que abre para o adro e olha para a cruz, vinham sahindo — o abbade de sobrepelliz da côr dos seus cabellos, estola e manipulo; o sacristão com o seu fato domingueiro coberto por uma opa encarnada trazendo nos braços o Christo crucificado ornado de flores; um pequenito tambem d'opa que lhe chega aos pés, segura na mão direita a caldeirinha d'agua benta e o hyssope, na esquerda uma campainha que agita de espaço a espaço; mais atraz dois homens com lenços amarrados na cabeça sustentam pelas azas um enorme cesto, um cesto barreleiro forrado com um fresco lençol de linho.

Meia duzia de garotos que perto jogam o talo vão correndo e gritando: ahi vem o sr. abbade aos ovos! ahi vem o sr. abbade aos ovos! Por todas as casas da freguezia vae uma grande azafama; abrem-se as arcas da roupa branca; fazem-se as camas de lavado; varre-se, limpa-se tudo; raparigas entram com braços de flores, d'alecrim, d'alfazema que espalham pelo chão, e no quarto mais aceado, muitas vezes na cosinha em frente da lareira, colloca-se uma mesa coberta por uma toalha sobre a qual se destaca o foliar.

O abbade caminha feliz, risonho e contente, anda na companhia de Deus, visitando os seus freguezes, benzendo-lhes as casas, recebendo a colheita que em dias menos prosperos distribuirá pelos pobres. Não sente cansaço: é grande a volta, grande a caminhada, mas a alegria com que o recebem em toda a parte, na casa do lavrador abastado como na do pobre jornalista, dá-lhe forças, sente-se alliviado do peso de trinta annos, julga-se rapaz, julga-se moço! Com uma palavra anima os homens do cesto que caminham derreados com o peso das offer-tas. — Rapazes o dia está feito, agora é saltar o portello, metter á azinhaga da bouça e estamos em casa dos fidalgos. D'ahi á Joaquina da Cancellella são dois passos, depois á igreja, á residencia, é subir a encosta do monte.

Effectivamente um quarto d'hora depois chegavam ao pateo do solar dos fidalgos da Portella, uma construcção irregular, pesada, do seculo XVI, com a sua vasta capella senhoreal. Na sala de entrada de tecto de carvalho trabalhado, a antiga sala d'armas, a sala dos retratos da familia, senhores e creados esperam a visita do abbade. N'uma grande mesa, ao centro, coberta de damascos da capella, está o foliar, dois pintos, sobre uma bandeja de prata. Amos e criados beijam com respeito os pés de Christo; o abbade toma o hyssope e com gestos largos e compassados benze os quatro angulos da casa; o pequeno morgado forte, rijo, traquina atira o foliar para dentro da caldeirinha cheia até meio de cobre — as esmolas dos pobres.

Finda a curta cerimonia a fidalga offerece com a franca teimosia minhota pão de ló, vi-nho verde e maduro.

N'uma enxerga esfarrapada gemia ardendo em febre no humilde casebre da Joaquina da Cancellella, a sua filha mais velha, uma rapariga de quinze annos, boa, trabalhadeira. Havia

apenas trez dias que cahira de cama mas n'esses trez dias não soçegara um instante; a mãe, que constantemente a vellava, via com horror transfigurar-se-lhe a physionomia; comtudo uma grande esperença a animava: Maria pela madrugada cahira n'um somno tranquillo, ao accordar voltou-se para a mãe e disse-lhe com uma voz fraca arrastada mas alegre: — Estou melhor, muito melhor. É hoje domingo de Paschoa; por estar doente não quero que se deixe de enfeitar a casa para receber o sr. abbade. A mãe vá buscar flores, deixe-me com os irmãosinhos; se estiver peor mando chamal-a.

Doida de contentamento, sentindo os allivios da filha, sahiu a colher flores e n'um momento deu á sua pobresa um ar de festa.

Aqui tens filha cinco réis para tu mesma dares ao sr. abbade.

Maria levantou os braços, agarrou-se-lhe ao pescoço, soltou um grito abafado, o corpo entei-riçou-se e cahiu de chofre na enxerga.

Jesus! Jesus! accudam, accudam, minha filha, minha filha!

Vinha entrando o abbade.

Ai! sr. abbade a minha pobre filha a minha pobre filha!

O padre escutou um instante com o ouvido encostado ao peito da desditosa creança.

Morta! exclamou.

Cerrou-lhe os olhos, aspergiu-a d'agua benta murmurando uma oração; pegou no Christo e ajoelhando approximou-o d'aquelles labios des-córados.

— Está no céu! está no céu! amanhã ás 6 horas cá estaremos e animo, coragem!

Joaquina soluçava abraçada ao Christo, os pequenitos n'uma grande grita agarravam-se-lhe ás pregas da saia. Então concentrando em si toda aquella immensa dôr: — Filhos, filhos beijem o nosso Pae: João entrega tu o nosso foliar ao sr. abbade.

— O foliar! Acabas de dar a Deus a maior e melhor esmola que podias dar-lhe! — e tirando da caldeirinha todo o dinheiro que trazia — ahi tens para os primeiros tempos; ha de fazer-te falta o que ella ganhava, depois... a residencia não é longe e sempre lá ha de haver alguma coisa.

Até amanhã, até amanhã.

.....  
.....  
O sol escondia-se no horizonte.

O som da campainha perdia-se echoando ale-gremente pelas quebradas do monte.

BERNARDO PINHEIRO.

## OS RESTOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO

A vida de Christovão Colombo está tão intimamente ligada com a historia das nossas navegações, que tudo quanto diz respeito ao grande maritimo não pôde deixar de nos interessar.

Residindo largos annos em Portugal, especialmente nas ilhas de Porto Santo e Madeira, foi das ligações de familia, e das relações dos navegantes, mais ou menos aventureiros, e naturalmente tambem da observação directa d'alguns mysterios e phenomenos do Oceano, que elle bebeu a inspiração incitadora das suas viagens e descobertas.

Não accetas as suas propostas em Portugal, que então estava na vanguarda do movimento civilizador do globo, foram, bem que a custo, attendidas em Hespanha, que recolheu o fructo que havia germinado e amadurecido sobre o nosso abençoado torrão.

Depois dos valiosos serviços prestados pelo grande almirante á causa da humanidade, descançou este finalmente no seio da eternidade. Descançou, não é talvez o termo apropriado, porque, se é verdade que o seu espirito repousou emfim de pensar, crear e produzir, os seus restos, os seus despojos mortaes não tiveram descanço. Se a vida lhe correrá agitada e convulsa, suas cinzas não tiveram socego na sepultura.

Depositado primeiramente, por occasião de seu fallecimento a 20 de maio de 1506, em S. Francisco de Valladolid e inhumado no mosteiro de Santa Maria de las Cuevas, é alguns annos depois, entre 1536 a 1540, transportado para a ilha de S. Domingos, onde a piedade de D. Maria de Toledo, viuva de D. Diogo, filho de Colombo, cumprindo a disposição contida no seu testamento, lhe deu condigna sepultura. Comtudo, ainda

apesar da concessão feita por Carlos V, por sua real ordem de 2 de junho de 1537, destinando para seu jazigo a capella mór da Sé Cathedral da ilha, oppo-sição do cabido fez com que o mesmo monarcha, por outras ordens, e mais terminantemente pela do conselho das Indias de 5 de novembro de 1540, mantivesse a primeira e determinasse o seu cumprimento, dando-se então aos restos do grande homem, a, que parecia ser derradeira sepultura. Mas que vicissitudes e que riscos não passaram elles durante trinta e quatro annos, que decorrem desde a morte de Colombo até áquella epocha.

A sorte porém que o perseguira em vida, não deixou de o acompanhar depois de extinto. Em 1655, por occasião de se apresentar em frente da ilha uma poderosa armada ingleza, o arcebispo D. Francisco Pio receando que estes insulares fizessem alli o que haviam feito em outras partes, e como no seculo anterior fizera Drake na nossa povoação do Cabo de Sagres, e para evitar que cometessem desacato n'aquella veneranda sepultura, mandou entaipar parte da capella-mór da referida sé, que havia sido convertida em jazigo da familia de Colombo, e onde já repousavam varios membros d'ella, ficando a sepultura do almirante coberta com o muro que então alli se construiu. Toda a gente, porém, sabia que do lado direito da capella era o jazigo do grande homem, e do lado esquerdo, naturalmente o de seu irmão o Adelantado Bartholomeu Colombo. Em 1783, tendo-se demolido o santuario, soube-se por certidões authenticas que se acham publicadas no livro do viajante francez Moreau de Saint-Mery, que os restos de Colombo constavam de poucos fragmentos de ossos, entre os quaes apenas se distinguiam alguns de um ante-braço.

Chegando o anno de 1793, com os resultados do movimento revolucionario de França e tratado de Basileia celebrado a 22 de julho, havendo de abandonar a Hespanha a ilha de S. Domingos, occorreu a um nobre e pundonoroso official da marinha hespanhola, o tenente general da armada D. Gabriel d'Aristizabal, não deixar fóra do terreno hespanhol os despojos d'aquelle que tanta gloria dera á sua nação. Em consequencia d'esta lembrança foi o dito official com o governador, o arcebispo, o cabido, e os commissarios do duque de Veragua, representante e descendente do grande almirante, etc., ao lugar da sepultura de Colombo, e praticadas as excavações convenientes ahi encontraram o cofre conforme as certidões do deão e mestre escola da dita cathedral passadas em 1783, o qual o valente official fez conduzir para seu bordo e transportou, com todas as honras e considerações devidas, para a ilha de Cuba, onde foi depositado na Cathedral, em um nicho aberto no presbyterio, cujo lugar assignalam um busto e inscripção latina, tendo a data de 1796.

Estes factos mais ou menos publicos, apesar d'alguma confusão nas datas e nos logares das primeiras inhumações, eram conhecidos de todo o mundo litterario e scientifico, acham-se referidos em muitos livros, e ainda ha poucos annos, n'uma obra para nós por tantos titulos honrosa — *A vida do Infante D. Henrique*, pelo sr. R. H. Major, — elles vem summariamente mencionados no capitulo XIX, onde trata dos feitos de Colombo.

Parecia finalmente que se havia dado perenal descanço aos restos do Almirante, e achavam-se elles tranquillos e respeitados na ilha de Cuba havia oitenta e um annos, quando uma noticia estranha, veio nos fins de 1877, perturbar as convicções a tal respeito.

Por uma acta de 10 de setembro do dito anno se refere que havendo-se feito uma escavação no 1.º do dito mez, na capella-mór da sé cathedral de S. Domingos, ou em junho, segundo os periodicos da ilha, se encontrára um sarcophago contendo os ossos de D. Luiz Colombo, primeiro duque de Veragua, o que induziu o Revd.º Roque Cocchia, bispo de Oroppe, a proseguir

## ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Sobre queda coice.



nas pesquisas, com esperanças de encontrar melhor achado. Effectivamente a 10 de setembro descobriu o conego Bellini, encarregado dos trabalhos da exploração, um cofre com taes inscripções, que fez reconhecer que n'elle se achavam os despojos mortaes do grande almirante.

Publicou-se a noticia, fizeram-se notaveis festejos, que se reproduziram no anno immediato, mas os representantes das nações, convidados para elles, quasi unanimemente se recusaram a isso, parecendo todos duvidar, menos os dominicanos, da authenticidade do achado.

Informado logo o governo hespanhol d'este successo, immediatamente, por communicação de 23 de outubro do mesmo anno, remetteu as peças do processo á *Real Academia de la Historia*, para que ella o analysasse e desse sobre elle a sua informação o mais breve possivel. Este respeitavel corpo scientifico, estudando o assumpto á vista de todos os documentos a elle referentes, da reproducção ou facsimile das inscripções do cofre encontrado, que um seu consocio alli foi examinar, e de todos os escriptos que sobre o facto se tem publicado, deu a sua informação n'uma memoria que enviou ao governo, em 11 de novembro de 1878, pedindo que a ella se desse a maior publicidade.

O governo cumprindo o desejo enunciado pela *Academia*, mandou publicar este notavel escripto, de que foi remetido um exemplar, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Conde de Toreno, ministro do Fomento, por carta do 1.<sup>o</sup> de março do corrente anno, a este periodico, e de cuja analyse fomos incumbido.

A *Academia* fazendo o estudo historico e circumstanciado d'este assumpto desde a morte de Colombo em 1506 até á celebre acta de 10 de setembro de 1877, não admite a veracidade do achado, considera fraudulento e como que sacrilego semelhante facto.

Effectivamente, além do que acima expozemos, sabe-se por documentos officiaes que, havia alguns annos, varias auctoridades italianas tinham tido correspondencia com as da ilha de Cuba sollicitando a entrega dos restos do celebre genovez, e por tanto tacitamente reconheciam como verdadeiros os restos alli existentes. Percebe-se o vago de uma communicação que pretende, que, na occasião da patriótica remoção feita por Aristizabal, um certo frade, cujo nome se não sabe, fôra á capella-mór da cathedral de S. Domingos, e subtraíra os verdadeiros ossos do almirante, que aliás se não diz quando foram tornados a repôr no seu lugar: tão pouco consta que quando Aristizabal e as demais auctoridades os foram desenterrar, se achasse feita alguma escavação na parede da capella, com a qual estavam occultos, o que necessariamente se devêra ter visto se o frade d'alli os houvesse tirado.

Nota-se tambem uma grande disparidade entre a quantidade de ossos que constam das referidas certidões e



O VETERANO PAULO TEIXEIRA DE 105 ANNOS DE EDADE

(Segundo uma photographia de Serra)

que como vimos eram poucos e pequenos, distinguindo-se apenas um antebraço, ao passo que no sarcophago agora encontrado se acharam um femur, um peroneo, um radio, uma clavicula, cinco costellas completas e tres incompletas etc. etc. ao todo quarenta e um ossos; quasi ia apparecendo o esqueleto inteiro!

Constava pelas certidões de 1783 que a sepultura não tinha inscripção, ao passo que a que se encontrou agora tem uma tal exuberancia d'ellas por dentro e por fóra, cousa desacostumada, e com uma tal variedade e irregularidade de letras, propria a fazer desorientar as pesquisas ou exames. Além da que reproduz a gravura, liam-se mais as seguintes nas diversas faces do caixão

Ill.<sup>re</sup> y Es.<sup>do</sup> Varon D.<sup>o</sup> Cristobal Colon, —  
e — D. de la A. P.<sup>er</sup> A.<sup>te</sup>.

Esta ultima, nomeadamente, é a ponta do veo para se reconhecer a fraude.

É bem sabido que a Hespanha nunca, até ha poucos annos, se conformou com o nome de America dado ao novo mundo; nunca nos documentos officiaes tratou aquella parte do mundo senão por — *Indias Occidentales*, — perpetuando assim quasi o erro de Colombo, que julgava ter encontrado a parte occidental das Indias, e não haveria hespanhol, e muito menos descendente de Colombo, que lhe escrevesse no sarcophago a palavra — *America* — que representa a ingratição dos homens para com o seu grande espirito, — sem receio de o ir perturbar no seu sono eterno, e de o fazer levantar da campa para reivindicar o seu direito!

Encontrou-se mais uma pequena chapa de prata, como as que ás vezes se lançavam nas sepulturas para fazer conhecer cujo era o cadaver n'ellas encerrado, e que a nossa estampa reproduz, apresentando esta a singularidade de ter inscripções no anverso e no reverso, e de ser pregada dentro do cofre pelos dois orificios que se notam nas suas extremidades, o que é insolito.

Nota além d'isto a Academia que toda esta descoberta e pretendido achado foi como, que preparado pelo primeiro a que acima nos referimos e tudo dirigido e executado por italianos como são o bispo e o conego etc. que se apressaram logo a fazer a communicação ao mundo, sendo isso suspeito, pelas diligencias até alli feitas para se haverem os restos do almirante existentes em Cuba como já dissemos.

Não podemos referir todos os argumentos expendidos, porque isso fóra trancrever a *Informação*, podendo apenas dizer que este assumpto sobre que se tem escripto bastante, tem achado impugnadores entre escriptores de varias nacionalidades, especialmente inglezes, e, o que é mais, entre os proprios dominicanos.

Una parte de los restos  
del gran mar Almirante  
Cristobal Colon D.<sup>o</sup>

Una Cruz de  
Colon

Inscripções no anverso e reverso da chapa de prata encontrada dentro do cofre

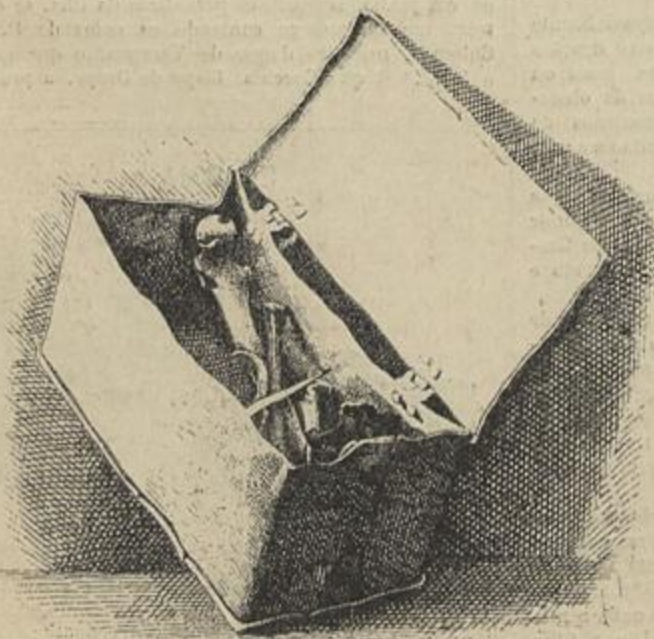
São tão faltas de base as razões em que se apoiam os auctores do invento, para lhe darem a autenticidade necessaria, que nós não vendo em tal acto nenhum d'aquelles fundamentos historicos, ou archeologicos, que lhe imprimam o caracter de irrecusavel, não podemos deixar de reconhecer irresponsiveis os argumentos da Academia hespanhola, cuja lucidez e exactidão são assás manifestos, estribando como estribam em documentos autenticos, seguros e de inquebrantavel fé. Lamentamos porém que tal facto se desse e se ache hoje o mundo com duas sepulturas de Colombo, não sabendo os menos advertidos a qual das duas reconhecer como verdadeira. Faltava mais esta desgraça ao grande homem, ao fim de mais de tres seculos. Extranho destino na vida, extranho destino na morte!

BRITO REBELLO.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6



Aspecto geral do cofre encontrado na cathedral da Ilha de S. Domingos

A  
C  
C

Fac-simile das letras que se vêem nas faces externas do cofre